



Cidadania em Cadeia para o Direito do Futuro

Área de implantação: Presídio Masculino de Florianópolis

Instituição: Instituto da Terra para o Desenvolvimento
Sustentável, Meio Ambiente e Cidadania

Contato: Zuleica Medeiros

Endereço: Av Mauro Ramos, 1443 – cj. 2
Florianópolis, SC - cep: 88020-302 - tel: (48) 333-0857
e-mail: zuleica@institutodaterra.com.br

A RECONSTRUÇÃO DA LIBERDADE

PRESÍDIO DE
FLORIANÓPOLIS OFERECE
TRABALHO E EDUCAÇÃO
PARA OS DETENTOS, DEVOL-
VENDO-LHES A DIGNIDADE E
REDUZINDO A OCORRÊNCIA
DE FUGAS E REBELIÕES

O Presídio Masculino de Florianópolis sempre conviveu com problemas comuns aos demais presídios do país: tentativas de fuga, brigas e rebeliões. Abrigando 311 presos onde cabem 160, o Presídio era um lugar de permanente tensão, prestes a “explodir” a qualquer momento. A situação começou a mudar em 1997, quando a administração do Presídio passou a oferecer aos detentos, em parceria com pequenos empresários, oportunidades de trabalho no interior da prisão. O Programa Cidadania em Cadeia para o Direito do Futuro oferece também cursos de alfabetização, suplência do ensino fundamental e cursos profissionalizantes, além de realizar eventos

comemorativos envolvendo os familiares dos presos.

A iniciativa põe em prática a Lei de Execução Penal, que ainda é pouco aplicada no país, embora tenha mais de 18 anos. A Lei estabelece como o detento deve ser tratado enquanto estiver sob a guarda do Estado e prevê que o preso tem direito à assistência material, médica, jurídica, educacional, social e religiosa. O acesso ao trabalho é considerado um dever social e uma condição para a dignidade humana, tendo não apenas uma finalidade produtiva, como também uma função educativa. Segundo a Lei, cada três dias trabalhados dão direito a um dia de redução da pena.



PAPEL RECICLADO, BRINQUEDOS E ARTESANATO

A primeira empresa a participar da experiência de Florianópolis foi a *Papel da Terra*, que produz papel reciclado. A proprietária da empresa, Zuleica de Medeiros, havia feito um trabalho semelhante no presídio da Papuda, no Distrito Federal, até que uma grande rebelião levou ao encerramento do projeto. Zuleica, que também era professora do Departamento de Artes da Universidade de Brasília (UnB), mudou-se para Santa Catarina disposta a continuar a experiência no Presídio de Florianópolis, onde o número de presos é bem menor.

Ela conseguiu um pequeno espaço nas dependências do Presídio Masculino e instalou uma oficina de reciclagem. No começo,



tudo ocorria de maneira informal, mas o sucesso da experiência despertou o interesse do presídio em formalizar um convênio, a fim de atrair outros empresários.

Oficializado em 1999, o convênio entre a *Papel da Terra* e a Secretaria de Justiça e Cidadania do

Estado tem a duração de quatro anos, durante os quais o presídio garante o espaço físico para a instalação das oficinas e o número de presos necessários para o trabalho. A empresa assume o compromisso de remunerar os detentos em, pelo menos, dois terços do salário mínimo, além de

Ciclo de Premiação 2002

fornecer o "kit dignidade": uma cesta contendo sabão em pó, desodorante, sabonete, aparelho de barbear, xampu, creme dental, etc. As folhas de papel reciclado produzidas no Presídio transformam-se em agendas, blocos para recados, cartões, caixinhas para embalagem, porta-retrato, cadernos, etc. Na produção das folhas de papel, os presos utilizam restos de cana-de-açúcar, grama, eucalipto e outros materiais.

“**TODOS OS DETENTOS ESTÃO ENVOLVIDOS COM ALGUM TIPO DE ATIVIDADE, SEJA NAS OFICINAS DE TRABALHO, SEJA NOS CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL OU DE ALFABETIZAÇÃO**”

A segunda empresa a instalar uma unidade de produção no Presídio Masculino de Florianópolis foi a *Mensageiro dos Ventos*, que produz móveis, sinos e birutas, utilizados para decoração. Selma Santos Fernandes, proprietária da empresa, decidiu trabalhar com os presidiários depois de ouvir Zuleica contar sobre o sucesso de sua experiência com a oficina de reciclagem de papel. A repercussão do trabalho acabou atraindo também outras duas empresas: a *Fortaleza*, uma pequena oficina de extensões elétricas, e a *Monte e Brinque*, fabricante de grampos para roupas, lixas para os pés e brinquedos educativos.



“RECICLAGEM DE VIDAS”

Além de trabalhar para essas empresas, os presos participam de atividades profissionais criadas por sua própria iniciativa ou de seus familiares. Foi assim que, buscando ocupar o tempo ocioso, um dos presos montou uma marcenaria que hoje absorve a mão-de-obra de outros três detentos. Mesmo depois que seu criador foi transferido para uma unidade prisional do interior, a marcenaria continuou funcionando e atualmente fabrica berços, cadeiras, mesas, tábuas de churrasco e bancos de igrejas. Os produtos são feitos sob encomenda e a renda fica com as famílias dos detentos envolvidos no trabalho. Há também os que produzem artesanato: com a matéria-prima levada por seus familiares, eles fazem tapetes, bonecas de pano e quadros com acabamento de bordados.

Todos os detentos estão envolvidos com algum tipo de atividade, seja nas oficinas de trabalho, seja nos cursos de formação profissional ou de alfabetização. Os cursos de alfabetização e o supletivo do ensino fundamental são oferecidos pela Secretaria Estadual da Educação e as aulas são dadas na própria prisão. Os

curso profissionalizantes resultam de uma parceria da Secretaria de Justiça e Cidadania com a Universidade do Vale do Itajaí (Univali), e contam com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Graças a essa parceria, os presos podem se tornar profissionais das áreas de cozinha industrial, manutenção de prédios e artesanato. Formam-se também garçons (com noções de espanhol), cabeleireiros e técnicos na área de conservas.

O dia-a-dia dos detentos e o tratamento que eles recebem são acompanhados por diversos segmentos religiosos, pela Pastoral Carcerária e pela Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil de Santa Catarina (OAB-SC).

Esse conjunto de atividades praticamente eliminou a ocorrência de fugas, brigas, rebeliões e de tentativas de suicídio e homicídios no interior do presídio. Segundo os religiosos que prestam assistência aos presos, desde o momento em que as atividades profissionais começaram a ser desenvolvidas, eles se tornaram mais calmos e mais motivados para esperar a liberdade. Os detentos, por sua vez, contam que o trabalho lhes devolveu a coragem para andar de cabeça erguida. O salário permite que eles ajudem a sustentar os próprios filhos e reduz seu sentimento de culpa em relação à família.

Outra consequência do trabalho no Presídio foi o aumento da presença dos familiares dos presos nos períodos de visitas e nas datas comemorativas, que se transformam em momentos de confraternização. Uma equipe de voluntários visita os presos que não recebem visita de seus familiares.

Zuleica de Medeiros se mostra orgulhosa pelo fato de os presos que trabalham na oficina da *Papel da Terra* manipularem diariamente estiletas, barras de ferro e outros instrumentos, sem nunca terem tentado organizar uma rebelião, comportando-se como qualquer outro trabalhador em situação de liberdade. A empresária afirma que a experiência tem se mostrado muito eficaz na "reciclagem de vidas".

